

Uma leitura do jogo de linguagem da ética

A reading of the language game of ethics

MIRIAN DONAT¹

THAÍS AP.^a FERREIRA DOS SANTOS²

Resumo: O artigo apresenta algumas considerações acerca da ética na obra *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein e o faz no sentido de esclarecer alguns dos elementos que estariam na base do jogo de linguagem da ética. Nessa obra, assim como em geral nos seus escritos, Wittgenstein não defende uma teoria ética particular, pois iria contra sua própria concepção de Filosofia, isto é, o esclarecimento da linguagem. Tendo em vista essa concepção de Filosofia, apresentamos os elementos que consideramos que devem estar presentes em qualquer jogo de linguagem ético, uma vez que esses conceitos específicos funcionariam como condição de possibilidade do próprio jogo. As seções do artigo tratam de cada um deles: as experiências que estão na base da ética e que originam os conceitos próprios desse jogo de linguagem; a atitude para uma alma, que decorre das experiências e o sentido ético de “bom” absoluto.

Palavras-chave: ética; experiência; forma de vida, atitude para uma alma; bom absoluto.

Abstract: The article presents some considerations about ethics in Wittgenstein's *Philosophical Investigations* and does so to clarify some of the elements that would form the basis of the language game of ethics. In this work, as in his writings in general, Wittgenstein does not defend a particular ethical theory, as it would go against his conception of Philosophy, that is, the clarification of language. Bearing in mind this conception of Philosophy, we present the elements that we consider must be present in any ethical language game since these specific concepts would work as a condition of the possibility of the game itself. The article's sections deal with each of them: the experiences that are at the base of ethics and that give rise to the specific concepts of this language game; the attitude towards a soul, which derives from experiences and the ethical sense of absolute “good”.

Keywords: ethics; experience; form of life, attitude to a soul; absolute good.

Introdução

Sabemos que Wittgenstein não desenvolveu uma teoria para tentar defender um ou outro sistema ético, pois teorias, em qualquer domínio, não estão de acordo com sua concepção de filosofia. Uma tal pretensão seria algo como tentar “cientificizar” esse campo da experiência humana para explicar como esse jogo é jogado, mas isso só resultaria em confusões conceituais, produzindo essencialismos e reducionismos. Corroborando Johnston: “O problema da ética, arte e religião, por exemplo, não é de natureza científica nem é passível de resolução científica” (1989, p. 15, tradução nossa).

¹ Mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999) e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos (2008). Professora adjunta da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: donat@uel.br.

² Mestrado em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (2022). Doutoranda em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (2022). E-mail: thais.ts3@gmail.com.

O filósofo que busca responder seus problemas éticos por meio das teorizações científicas tende a desconsiderar como é o jogo linguístico em sua prática cotidiana, alimentando um tipo de linguagem ideal que, por sua vez, se mostra desconectada do uso. Wittgenstein retoma a discussão de se pensar a filosofia enquanto um discurso científico em sua obra *Cultura e Valor* (1890):

As pessoas dizem, por vezes, que não podem fazer qualquer juízo sobre isto ou aquilo porque não estudaram filosofia. Eis um disparate irritante, porque o pretexto é o de que a filosofia é uma espécie de ciência. As pessoas falam dela quase como poderiam falar de medicina [...] (CV, 1980, p. 49-50).

Sendo assim, nossa investigação deve se atentar para as particularidades desse jogo. O jogo ético não pode ser compreendido no mesmo molde dos jogos de linguagem das ciências, pois os usos das palavras em um e em outro jogo são totalmente diferentes.

Se na prática encontramos múltiplos jogos de linguagem éticos, nossa investigação se restringirá para aquilo que é comum a todos eles e para o que diferencia o jogo de linguagem da ética dos outros, em especial o jogo da ciência. Assim sendo, o ponto a ser considerado se dirige ao sentido e a significação do jogo de linguagem da ética para com isso revelar o modo como as palavras recebem seu significado nesse domínio, bem como as práticas que estão envolvidas no estabelecimento dos conceitos éticos, o que revela as suas condições de possibilidade, pois: “nossa investigação dirige-se não aos fenômenos, mas, como poderíamos dizer, às *possibilidades* dos fenômenos. Refletimos sobre o modo das asserções que fazemos sobre os fenômenos” (WITTGENSTEIN, 1996, § 90).

Dessa perspectiva, a interpretação que aqui faremos diz respeito às especificidades do jogo de linguagem da ética, mas no sentido de revelar a gramática própria desse jogo. Isto significa revelar os conceitos que são próprios da ética, sua origem e o modo como são usados nesse particular jogo de linguagem, o que poderá também eliminar as confusões conceituais geradas por um ideal de linguagem para a ética.

Pressupomos que o jogo de linguagem da ética é aquele que mostra o conjunto de valores e crenças morais que um sujeito tem, por estar inserido em uma forma de vida. Quando esses sujeitos estabelecem relações de significação entre essas crenças compartilhadas, elas passam a formar o que consideramos como um sistema ético, que por sua vez se consolidou pelas práticas daquela comunidade linguística. Esses sistemas são instituídos conforme os hábitos e costumes de uma forma de vida.

Julgamos necessário dividir o artigo em três seções para uma leitura compreensível: na primeira seção, mostramos que a origem dos conceitos éticos está relacionada com as práticas humanas no mundo, no interior da qual as reações, tais

como aprovação e desaprovação, podem fazer surgir conceitos como bom e mau. Na segunda seção, mostraremos que, em decorrência destas práticas e reações desenvolvemos um particular conceito de humanidade que, em Wittgenstein, está conectado com sua noção de “atitude para uma alma”. Por fim, na terceira, tratamos do conceito de “bom”, para esclarecer que, também nas *Investigações Filosóficas*, o sentido ético desse conceito é o sentido absoluto, sentido este que pode ser compreendido ao se considerar as semelhanças e diferenças com os demais sentidos de bom, considerados ao nível do sentido relativo.

1. O ético como resultado das experiências em uma forma de vida

Como qualquer outro, os jogos de linguagem³ éticos e seus conceitos são instituídos nas próprias práticas linguísticas e não por meio de teorias científicas ou filosóficas. O jogo de linguagem ético não é um jogo que se transmite nos mesmos moldes que os conhecimentos científicos que aprendemos nas escolas e universidades. A ética é uma atividade com certo tipo de significação manifestada em uma forma de vida⁴.

Esta significação está relacionada com certas reações presentes numa forma de vida, que são parte de nossa experiência e que pode levar a formulação de conceitos e jogos de linguagem. Logo, o aprendizado do jogo da ética se manifesta, geralmente, como um tipo de reação. Nas ações humanas, percebemos as expressões de aprovação e de condenação, por exemplo, e, dadas essas reações, instituímos um jogo de linguagem rico e complexo sobre a moralidade.

As reações de aprovação e desaprovação são compartilhadas pelas pessoas dentro de uma forma de vida. Toda criança é treinada de acordo com sua forma de vida sobre as ações boas e ruins. De acordo com a *ocasião* e a *atividade*, os membros ao redor indicarão o funcionamento, as regras do jogo e os critérios para se considerar as atitudes como boas ou más.

A princípio, as ações morais podem ser originárias de reações imediatas, presentes nas diversas ocasiões. Johnston nos apresenta o seguinte exemplo:

Se me perguntassem por que alguém que está sofrendo constitui um motivo para a ação, então não tenho resposta - são coisas desse tipo que importam para mim, é como eu ajo. Similarmente, é igualmente

³ Existem distintos jogos de linguagem na ética, que teriam de alguma maneira uma base comum ou melhor uma característica em comum, por isso, usamos tanto no plural quanto no singular. No plural, para expressar as diferenças entre os jogos éticos e, no singular, quando queremos mostrar a característica comum do jogo.

⁴ “Para nosso trabalho, adotaremos que há uma forma de vida no singular, uma forma de vida humana que se configura diferente da forma de vida do animal e de possíveis seres extraterrestres, e que, dentro dessa forma de vida humana (singular), há uma pluralidade de formas de vida (plural) que se configuram diferentes devido as estruturas basilares da vida humana, como cultura, história, sociedade, etc.” (SANTOS, 2022, p. 34).

inapropriado perguntar o que me fez agir, pois, em certo sentido, nada me fez agir; o fato de ele estar sofrendo me deu uma razão para agir, mas na frase de Wittgenstein esse fato não tinha “o poder coercitivo de um juízo absoluto” (1989, p. 84, tradução nossa).

O que se evidencia é que ajudar uma pessoa que sofre não é o resultado de um processo de argumentação, mas uma atitude em relação ao outro, que se manifesta como uma reação, e das mais primitiva de nossa natureza: a preservação e a compaixão. Quando nos lançamos no jogo da ética, não entramos com teorizações e especulações de certo e errado, consequências, deveres, ponderações e deliberações. Somos lançados na prática cotidiana, aprendemos esse jogo por comparações de suas características semelhantes e diferentes entre os jogos linguísticos.

De modo geral, a criança aplica uma palavra como “bom” primeiramente à comida. São de enorme importância, no ensino, os gestos e as expressões faciais exagerados. Ensina-se a palavra como um substituto para uma expressão facial ou um gesto. O gesto, tom de voz, etc., no caso, constituem expressão de aprovação (EPR⁵, 1966, § 5).

A aprendizagem dos conceitos próprios dos jogos éticos nasce destas reações naturais correlacionadas com as palavras como belo, correto, bom, nas ocasiões e contextos onde nos deparamos com expressões de aprovação. As reações de desaprovação se mostram nos gestos e expressões, muitas vezes associadas com as palavras como punição, feio, mau.

No caso da criança, aos poucos, ela se acostuma com as expressões e reações daquilo que é considerado bom nas diferentes circunstâncias. No início da aprendizagem do jogo da ética, os jogos de linguagem da ética e estética estão conectados. Donde usarmos, por vezes, as palavras bom e belo intercambiavelmente, como no exemplo: “que belo comportamento daquele rapaz ajudando sua avó a carregar as compras”.

[..] chamar um prato culinário de “bom” com a intenção de comer é muito diferente de chamar uma pintura “boa” com a intenção de pendurar um quadro na parede. Apesar de diferente, entretanto, esses casos são claramente aparentados e não coincidem que o julgamento nos dois casos pode levar a mesma forma. O conceito de jogo e o de bondade podem, portanto, ambos ser vistos como conceitos de semelhança de família, mas conceitos de semelhança de família por diferentes razões e de maneiras diferentes (JOHNSTON, 1989, p. 103, tradução nossa).

⁵ Abreviação para **Estética, Psicologia e Religião** Palestras e Conversações de Wittgenstein, conferir nas referências.

A palavra “bom” pode ser usada em diferentes jogos de linguagem, porque apresentam similaridades e, ao mesmo tempo, diferenças no seu contexto e uso. Esse é um ponto importante, pois Wittgenstein não afirma que existe algo essencial oculto em comum entre esses empregos, mas que há uma *rede de significação* semelhantes que permite chamar algo de bom (JOHNSTON, 1989, p. 104). E, com base nessas reações e expressões, a vivência da criança se solidifica e passa a desenvolver e jogar um jogo mais complexo de expressões morais.

À medida que refinamos o jogo moral, teremos ambas as expressões, as verbais e não-verbais, se relacionando e trazendo riquezas expressivas para o jogo. Daí que, aos poucos, a palavra “bom” se conforma como conceito de bom absoluto, ou seja, o conceito vai se formando e recebendo significações e vivências mais específicas. Nessas primeiras reações, o conceito de bom absoluto pode, aos poucos, se instituir na base do jogo ético. Em outras palavras, o conceito de bom absoluto toma sentido enquanto proposição gramatical.

2. Atitude com relação à alma

Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, apresenta noções que podem nos auxiliar a pensar sobre a ética. Ainda que esses conceitos estejam relacionados a outras questões do filósofo, eles prestam enriquecimento para nossa compreensão do jogo ético. Uma dessas noções é a atitude para com uma alma, que acompanha a noção de que a ética resulta de certas reações e experiências em uma forma de vida.

“Creio que ele sofre.” – *Creio* também que ele não é nenhum autômato?

Apenas com repugnância poderia pronunciar a palavra em ambos os contextos.

(Ou será *assim*: creio que ele sofre; estou certo de que não é um autômato? Absurdo!)

Imagine que eu diga de um amigo: “ele não é um autômato”. – O que é comunicado aqui e para quem isto seria uma comunicação? Para um *homem* que encontra outro em circunstâncias habituais? O que *poderia* isto comunicar-lhe! (No máximo que este sempre se comporta como um ser humano e não se comporta algumas vezes como máquina.)

“Creio que ele é um autômato” não tem *assim*, sem mais, nenhum sentido.

Minha atitude em relação a ele é uma atitude com relação à alma.

[...] O corpo humano é a melhor imagem da alma humana (IF, 1991, p. 176).

Segundo Wittgenstein, nossos relacionamentos com outros seres humanos é algo singular. Nos comportamos diferente da maneira como lidamos com os animais ou com as pedras, por exemplo. Até mesmo se tivéssemos, em frente a nós, um robô, com aspectos humanoides, ainda assim, nos comportaríamos de uma forma diferente

daquela em que estamos habituados a nos comportar diante de um ser humano. Isso acontece por instituímos significados, valores e sentimentos para com a vida humana. Agir diante de um homem é estar perante uma *alma*, consciente, que tem sentimentos, que sofre, é livre, sem dados programados para com suas ações e decisões.

A noção de alma, à qual se refere Wittgenstein, se mostra no próprio corpo humano, pois é por meio desse corpo que a subjetividade se expressa, nas ações que realiza e nelas reconhecemos aquilo que caracterizamos como consciência e liberdade. De outro modo, as emoções, sentimentos, valores, sentidos, são manifestados no corpo e nas ações desse homem.

Há uma outra ideia desenvolvida por Wittgenstein que podemos relacionar à atitude para com a alma. O filósofo apresenta, numa determinada discussão, a dificuldade de compreensão da palavra “reconhecimento”. E nos coloca a seguinte situação:

Se alguém me pergunta: “Você reconheceu sua escrivanhinha quando entrou no quarto de manhã?” – então direi certamente: “É claro!” E contudo seria enganador dizer que aí ocorreu um reconhecimento. A escrivanhinha não me era estranha, naturalmente; não fiquei surpreso ao vê-la como ficaria se ali estivesse uma outra, ou um objeto estranho. (IF, 1991, § 602).

Ninguém dirá que, cada vez que entro em meu quarto, no meu ambiente habitual, ocorre um reconhecimento de tudo aquilo que vejo e vi centenas de vezes (IF, 1991, § 603).

Segundo o filósofo, temos uma falsa imagem sobre o processo de reconhecimento. De modo geral, tratamos o reconhecer enquanto uma comparação entre duas impressões entre si. O sujeito traria consigo uma imagem e compararia se o objeto observado a representa (IF, 1991, §604). Trazendo esse desentendimento para nosso estudo, percebemos que, em certas situações, especialmente na aceitação da imagem-mundo de outros povos, alguns sujeitos desconhecem a gramática do reconhecer e tratam o outro não como alguém com uma *alma*, mas como algo ou uma coisa que deve apresentar características iguais as suas.

Tal interpretação leva os sujeitos ao não reconhecimento da humanidade e à diversidade do outro, e, por conseguinte, não reconhece esse outro como ser humano. Com o esclarecimento da linguagem, podemos perceber que o reconhecer está vinculado às características que podemos denominar como semelhante a alguma outra coisa, não que necessariamente seja igual. No âmbito ético, o problema está no próprio sujeito, em não aceitar que pertencemos a uma espécie que compartilha modos diferentes de viver, isto é, alguém que não reconhece nossas próprias características humanas de que temos modos, formas de pensar e viver distintas.

O mau uso da palavra “reconhecimento” pode servir de apoio para uma justificativa mais profunda, a de que alguém não tem um bom caráter se não apresentar características iguais para ser reconhecido. Quem não respeita a diversidade do outro, está desrespeitando a sua própria natureza humana, que é diversa e, moralmente, ignora as singularidades das formas de vida.

A nossa relação para com o outro e para conosco mesmo revela nossa concepção e nossa interação com nossos valores éticos, nossa atitude para com nossa própria alma e a do outro. Quer dizer, a dinâmica da subjetividade põe em destaque a humanidade presente nas relações entre os sujeitos.

3. O sentido absoluto de bom

Nas *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein não trata explicitamente da ética, bem como de seus conceitos, o que torna bastante difícil a compreensão de sua posição neste momento. A palavra “bom”, por exemplo, aparece apenas numa observação em meio à discussão sobre a noção de semelhança de família, onde lemos: “Nesta dificuldade, pergunte sempre: como *aprendemos* o conceito dessa palavra (“bom”, por exemplo)? Você verá então, mais facilmente, que a palavra deve ter uma família de significações” (IF, 1991, § 77).

Entretanto sabemos que, desde o *Tractatus* e mais explicitamente na *Conferência sobre ética*, Wittgenstein defende uma distinção entre um sentido relativo e um sentido absoluto de bom, sendo este último seu sentido eminentemente ético. Essa distinção está contemplada na passagem das *Investigações* acima citada, pois dizer que a palavra ‘bom’ tem uma família de significações também compreende os seus sentidos relativo e absoluto.

Assim sendo, cumpre investigar o lugar que ‘bom’, em seu sentido absoluto, ocupa no jogo de linguagem da ética. Entendemos que este lugar é aquele de propiciar as condições de instituição e funcionamento do jogo ético, o que significa que ele está na base de qualquer jogo de linguagem ético que efetivamente venha a se concretizar no mundo. Essa investigação consiste em um esclarecimento linguístico sobre as condições de possibilidade de formação e constituição de jogos de linguagem éticos⁶, não se restringindo a jogos específicos⁷.

Nesse jogo particular, a palavra “bom” se constitui em seu sentido ético enquanto uma regra gramatical. De modo geral, no interior das formas de vida, a

⁶ É, portanto, uma investigação que se distingue daquela de outros estudiosos, como Dall’Agnol (2011), que têm pesquisado mais especificamente as diferenças entre os jogos éticos, como jogos-de-linguagem morais normativos, jogos-de-linguagem morais valorativos, jogos-de-linguagem morais performativos.

⁷ “Não estou interessado na construção de um edifício, mas sim em ter uma visão clara dos alicerces de edifícios possíveis. Assim não visio o mesmo alvo que os cientistas e a minha maneira de pensar é diferente da deles” (CV, 1980, p. 21).

palavra “bom” se institui e toma parte de uma proposição gramatical, no mesmo sentido em que aborda o conceito de tempo no parágrafo 89 de *Investigações*:

“O que é pois, o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. Isto não se poderia dizer de uma questão das ciências naturais (por exemplo, a questão do peso específico do hidrogênio). Aquilo que se sabe quando ninguém nos interroga, mas que não se sabe mais quando devemos explicar, é algo sobre o que se deve *refletir*.

Uma investigação filosófica sobre “tempo” não trará nenhuma informação nova sobre o tempo, mas apenas um esclarecimento acerca do conceito e dos usos possíveis nos diferentes jogos de linguagem. Assim como deverá ser a abordagem acerca de “bom”, um esclarecimento conceitual de suas possibilidades de uso. A necessidade de *refletir* sobre o conceito surge do resultado das infinitas confusões que a falta desse esclarecimento conceitual gerou, pois usamos o conceito de formas indevidas e equivocadas. Relembremos que Wittgenstein esclareceu que o conceito de tempo não pode ser verificado como uma “coisa”, expressa na questão objetificante: “o que é o tempo?”. Isso porque resultaria na confusão gramatical de “coisificar” o que é condição de possibilidade para o dizer, pois o “ato de filosofar” elaboraria uma linguagem sem sentido.

Seguindo a mesma lógica, temos a palavra “bom” que, ao receber significações pelas práticas da forma de vida, tais como julgamentos, valorações, condenações, aprovação ou desaprovação, institui-se como conceito de bom absoluto, ou melhor dizendo, um conceito que se caracteriza enquanto condição de possibilidade para a formação de um jogo ético. Com isso, a noção de bom absoluto se configura enquanto uma regra gramatical que ordena e recebe sentido pelos sujeitos que instituem significações dentro de suas formas de vida. Tendo como fundamento um conceito de bom em seu sentido absoluto, os sujeitos atribuem valor àquilo que deve ser considerado bom, correto ou adequado em um jogo de linguagem particular. Assim, bom, em seu sentido absoluto, se torna regra gramatical, instituindo o jogo e tornando possível o uso das palavras e enunciados em seu interior.

Sendo assim, consideramos que a palavra “bom” não é uma palavra que denota algo misterioso, oculto ou, ainda, com sentidos para além desse mundo. Posto isto, “bom” também não é um objeto nem uma característica ou propriedade de objetos; o conceito de bom absoluto é a condição para dizermos que um determinado jogo é ético, é um conceito que se configura como condição de possibilidade para o dizer, permitindo jogar o jogo. Essa palavra aparece no jogo de linguagem como regra gramatical, este é o lugar que o conceito ocupa no jogo de linguagem da ética; esta é a sua gramática e o resultado da reflexão gramatical mostra como muitas vezes não nos damos conta dessa diferença e insistimos em investigar diretamente o que seria “bom”, numa tentativa de responder à pergunta “O que é bom?” no mesmo sentido

em que se tenta, muitas vezes, responder à pergunta “O que é o tempo?”, uma pergunta sempre vã e desencaminhadora.

O que é preenchido nesse conceito de bom absoluto, o conteúdo que possa vir a ter, pode mudar de acordo com as formas de vida. “Quase todos nós julgamos moralmente de forma absoluta, mas em relação à validade destes juízos tendemos a considerá-los como relativos” (TUGENDHAT, 1996, p. 18). Em síntese, o sentido absoluto de bom fornece a estrutura do conceito, é um alicerce para o preenchimento dos valores compartilhados numa forma de vida, que instituem sentido e significação para esse jogo linguístico.

Desta forma, podemos considerar que, para que um jogo seja considerado ético, ele deve ter, em sua estrutura, a regra gramatical de um bom absoluto, ou seja, um jogo ético tem que apresentar uma noção de bom tido como absoluto, cujo conteúdo será preenchido pelos valores e princípios provenientes das práticas de cada forma de vida. O consenso gramatical sobre os valores que preenche o conceito absoluto de bom ocorre na intersubjetividade, nas ações e práticas de uma comunidade, não sendo criações de debatedores especialistas em ética; os valores são instituídos nas formas de vida.

Devido às distintas redes de significações instituídas, podemos encontrar, em certas formas de vida, diferenças nesse conteúdo moral, por exemplo: em determinadas formas de vida, encontramos, com mais ênfase, os sentimentos tidos como morais, o rancor, a culpa, a indignação, a vergonha, do que em outras. A forma de vida traça um papel essencial na concepção e efetivação do bom absoluto, pois é dela que se preencherá o significado daquilo que se considera como valores primordialmente bons.

Em suma, a moralidade, e seu conjunto de valores, são instituídos entre os sujeitos no mundo, que vivem, que se incomodam e refletem sobre o sentido da vida. Sujeitos que sentem as injustiças, e os atos de bondade, que se compadecem pelo sofrimento alheio.

Entretanto, o conteúdo moral não diz respeito às preferências e desejos individuais; o preenchimento da regra não acontece por gostos pessoais ou reflexões individuais; a formação do bom não se dá numa arbitrariedade individual de juízos. Uma concepção moral do que deve ser considerado bom está na prática dos sujeitos, prática que é pública, que se reforça como um costume, um hábito.

Ao apontar para a natureza gramatical das certezas intersubjetivas, Wittgenstein indica-nos que as convenções linguísticas paradigmáticas são formas de vida, e não meras convenções empíricas que decidimos, ou não, seguir. Quando agimos e pensamos gramaticalmente, não o fazemos seguindo convenções sociais arbitrárias, que poderíamos escolher desprezar; pelo contrário, agimos e pensamos em conformidade com a própria essência —

ainda que não percebamos que a essência é parte de nossa forma de vida e está expressa nos usos que fazemos da linguagem (MORENO, 2019, p. 45)

As certezas intersubjetivas são instituídas através das práticas linguísticas, pelo modo como as pessoas atribuem sentido, ganhando cada vez mais força. Por vezes, essas certezas não são percebidas conscientemente por nós, por ser uma prática que se solidificou no interior da forma de vida. Assim também com as ações morais, que recebem sentido e significado nas práticas públicas, na rede de significados estabelecidos entre os sujeitos. Os valores se apoiam em razões de um sistema sociocultural que perpassa para a linguagem moral.

As regras dos jogos e as razões que sustentam os juízos éticos fazem parte dos sistemas culturais humanos. Se pudermos afirmar que a vida social é um conjunto de jogos, devemos lembrar que estes implicam práticas e têm efeitos muito reais e concretos no mundo material. Da mesma forma, as regras destes jogos definem a comunicação e organização social, política e econômica das sociedades, que têm sido a chave para nossa sobrevivência como espécie (SARRAZIN, 2015, p. 224, tradução nossa).

A forma de vida é nossa rede de significações e nosso tecido social para o agir. Em outras palavras, a forma de vida é o espaço de significação no qual somos lançados, recebemos e instituímos significados e nossa ação tem sentido nessa rede de significações. Entretanto, Wittgenstein não defende uma posição de “deixar tudo como está”, de obediência a todas as regras impostas pela forma de vida. Se assim o fosse, Wittgenstein estaria elaborando uma teoria conservadora, e, como já sabemos, a filosofia não deve criar novas teorias, mas esclarecer a linguagem.

Nesse sentido, ao fazermos o esclarecimento da linguagem, aprender e compreender algumas de suas regras, nós passamos a refletir sobre nossas significações, sentidos e buscando mais consciência sobre nossa rede de significações fica aberta a possibilidade de mudar o nosso modo de agir. “O trabalho em filosofia - tal como muitas vezes o trabalho em arquitetura - é, na realidade, mais um trabalho sobre si próprio. Sobre a nossa própria interpretação. Sobre a nossa maneira de ver as coisas (E sobre o que delas se espera)” (CV, 1980, p. 33).

Desta maneira, o esclarecimento da linguagem não é mera passividade do filósofo, é um modo de ver e fazer filosofia. O esclarecimento da linguagem tem mais “fazer” e “agir” do que possamos imaginar. (MARTINEZ, 2001, p. 99).

A moral seria uma tarefa individual cujo objetivo seria público. E isto é assim, pois vivemos uns ao lado dos outros e nos afetamos mutuamente, seja no bem, seja no mal. Temos uma obrigação intrínseca de sermos morais e de construirmos virtudes. A virtude pública permite entender a moral como um esforço pessoal de

modificação de traços que servem de obstáculo à civilidade (TELES, 2010, p.521).

Tornar-se uma pessoa melhor é uma obrigação que o próprio sujeito coloca para si. O intérprete de música, por exemplo, ainda que tenha nascido com os valores e princípios de pais musicistas, caso queira se tornar excepcional em sua atividade, deve dedicar horas de estudos, metas, esforço, disciplina, empenho e obter aulas com os mais variados professores para dominar seu instrumento. O esforço que o intérprete despende em sua prática é enorme, justamente para alcançar o som mais bonito, e isso depende do próprio sujeito em tomar para si o caminho da perfeição musical.

Um sujeito moral despende esse mesmo esforço: ele estabelece metas, reflexões sobre suas ações para se tornar uma pessoa melhor⁸. As metas que um sujeito moral coloca para si estão presentes nas redes de significações públicas, pois um sujeito moral não segue seus desejos pessoais ou aquilo que apenas ele considera certo, pois isso seria um obstáculo à própria virtude moral, já que corresponderia aos prazeres e desejos pessoais, e não propriamente a moralidade. “Agir eticamente, portanto, é ser guiado *voluntariamente* por estas regras, quando o sujeito torna-se capaz de optar por uma ação ou outra, no espaço regulado por elas” (GOTTSCHALK, 2019, p. 86).

O agir moralmente consiste no trabalho refletivo e no seguir voluntariamente as regras dispostas na coletividade. O agir eticamente é uma tarefa na qual o sujeito se aperfeiçoa justamente na própria ação, vivendo, abrindo-se para as diferentes formas de pensar. As vivências de significação de cada forma de vida podem tornar esse agir ético diferente de outras formas de vida. Isso não significa que há um jogo ético melhor, mas que pode haver discordâncias entre as formas de vida sobre o agir ético.

Segundo Martinez (2001, p. 85), o caráter descritivo da filosofia de Wittgenstein não é uma atitude de submissão às práticas enraizadas na cultura. É uma atitude que nos conscientiza para analisar se iremos deixar de reproduzir o que determinadas proposições gramaticais apresentam. “[...] o cotidiano do mundo é a matéria da qual está feita a linguagem. Mostrar preocupação pela linguagem é preocupar-se pela vida no mundo (preocupação ética) e pela vida do mundo (preocupação pelo futuro da cultura)” (MARTINEZ, 2001, p. 89).

Considerações finais

O jogo da ética é um jogo singular, dado que trata daquilo que mais preocupa o ser humano, a saber, a preocupação em tornar-se uma pessoa melhor. Além disso, o jogo ético não é um jogo semelhante ao jogo científico. Os jogos morais, estéticos e religiosos necessitam ser salvaguardados da cientificidade.

⁸ “Sejamos humanos” (CV, 1980, p. 52)

Os jogos da ciência, por exemplo, apresentam um objeto empírico sobre o qual podemos asseverar sua verdade ou falsidade. Os jogos morais não têm um objeto empírico. As proposições gramaticais presentes nos jogos de linguagem científicos têm como ponto de partida os objetos empíricos, isto é, o conhecimento científico traz como base para seu discurso e sua teoria, os fatos do mundo. A ciência se preocupa em desvendar esses fatos, por meio de métodos e técnicas. Já o jogo moral tem como ponto de partida a rede de significação sociocultural instituída intersubjetivamente numa forma de vida.

Na particularidade desse jogo, encontramos que o conceito de bom toma parte como uma proposição gramatical em seu sentido absoluto, tendo em vista que cada forma de vida preenche essa proposição gramatical com suas significações e sentidos de cunho ético conforme sua prática cotidiana e rede de significação.

Ao jogar esse jogo, revelamos quem somos e de onde viemos, nossa visão de mundo e nosso modo de compreendê-lo. O jogo ético se torna singular por se alinhar a nossa própria humanidade e sentimentos, por nos fazer considerar nossa relação com o outro e nosso dever de tentarmos ser pessoas melhores.

Os sujeitos inseridos numa forma de vida instituem para a palavra “bom” uma rede de significações com princípios e valores tido como absoluto. Dessa forma, esse conceito passa a ser condição de possibilidade para qualquer jogo ético que venha a se instituir em uma forma de vida. Se o nosso modo de viver nessa forma de vida humana (singular) é diferente da de outros seres, isso acontece devido a nossa “atitude para com uma alma”. Nosso comportamento para com outro ser humano se evidencia no modo de lidar com as coisas e os animais, até com robôs que tenham aparência humana. Tal noção paira sobre os seres humanos na questão de relacionar-se com o outro ser humano de forma diferente.

Após nossa terapia filosófica do jogo de linguagem da ética, afirmamos que esse jogo não se encaixa no padrão das éticas relativistas. Wittgenstein respeita as singularidades de cada forma de vida (plural) na atribuição de sentidos e significados expressas em sua linguagem. Entretanto, interpretamos que Wittgenstein não aceitaria ser posto numa “caixa” de relativista.

O relativismo moral é uma posição que sustenta os desacordos morais presentes na sociedade devido às diferenças socioculturais existentes. No entanto, Wittgenstein não se encaixa nessa definição, porque a estrutura da linguagem ética apresenta tanto aspectos universais quanto singulares. Nesse sentido, o que cabe ao filósofo é esclarecer e compreender esse jogo de linguagem. A filosofia não impõe uma teoria ou um conjunto de valores morais para os sujeitos: a filosofia “vê” as práticas comuns dos sujeitos e esclarece as confusões conceituais existentes nos jogos de linguagem.

Referências

- DALL'AGNOL, D. *Seguir regras: uma introdução às Investigações Filosóficas de Wittgenstein*. Pelotas: Ed. da UPel, 2011.
- JOHNSTON, P. *Wittgenstein and moral philosophy*. London and New York: Routledge, 1989, 244 p.
- GOTTSCHALK, C. M. C. A compreensão de outras culturas na perspectiva ética das Observações sobre “O Ramo Dourado” de Frazer. In: MARQUES, António. CADILHA, Susana (Org.). *Wittgenstein sobre ética*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas IFILNOVA — Instituto de Filosofia da Nova, 2019.
- MARTÍNEZ, H. L. *A ética no pensamento do segundo Wittgenstein*. Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Tese (doutorado em filosofia)
- MORENO, A. R. “Wittgenstein e os valores: do solipsismo à intersubjetividade”. In: MARQUES, António. CADILHA, Susana (Org.). *Wittgenstein sobre ética*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas IFILNOVA — Instituto de Filosofia da Nova, 2019.
- SARRAZIN, J. “¿Posee la ética un fundamento objetivo? Reflexiones desde Wittgenstein sobre el problema de explicar los juicios de valor”. In: *Revista Civilizar Ciencias Sociales y Humanas*, 15(29), 2015, 215-226.
- SANTOS, T. A. F. *Jogo de linguagem da ética: uma análise gramatical*. Londrina, PR: UEL, 2022 Dissertação (Mestrado em Filosofia).
- TELES, A. M. O. “O entendimento cultural da moral”. In: *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ci-s. Hum-s.*, Florianópolis, v.11, n.98, p. 504-524, jan/jun. 2010.
- TUGENDHAT, E. *Lições sobre ética*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. Coleção Os pensadores.
- _____. *Cultura e valor*. Trad. Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 1980.
- _____. *Tractatus logico-philosophicus*. Edição bilíngue (alemão-português). Trad. apres. e ensaio introd. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. *Conferência sobre ética*. In: DALL'AGNOL, D. *Ética e linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein*. São Leopoldo: Edunisinos; Florianópolis: Edufsc, 2005, p. 215-224.
- _____. *Estética, psicologia e religião: palestras e conversações*. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1966.

Submissão: 20. 09. 2022

/

Aceite: 29. 09. 2022